
COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

FOTOJORNALISMO E A VIOLÊNCIA POLICIAL – CONVERGÊNCIA E REDE COLABORATIVA COMO PROTEÇÃO DA NOTÍCIA

Erivam Moraes de OLIVEIRA¹

erivam.oliveira@gmail.com

RESUMO:

A captação de notícias durante uma cobertura jornalística requer grande sensibilidade e coragem por parte dos profissionais, para que os direitos sagrados do indivíduo não sejam violados. Mas, a dificuldade de manter essa liberdade está cada dia mais difícil. Portanto, podemos criar uma rede colaborativa de proteção para resgatar a importância do trabalho jornalístico, que possibilite alternativas para sua divulgação e monitoramento das produções, que possam ser usadas nas multiplataformas, com credibilidade, criatividade, e segurança, difundindo a comunicação e o respeito pelo profissional, resgatando o interesse do público pelos meios de comunicação independente. A criação de cursos, *workshops* e palestras realizadas em Sindicatos e Associações representativas dos jornalistas, pode treinar gratuitamente a população para ajudar a manter o alerta contra os abusos da PM, ajudando a divulgação das notícias e a independência jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: fotojornalismo; violência; mídia; colaborativa; convergência.

**São Paulo - SP
2018**

¹ Mestrado em Ciências da Comunicação pela ECA/USP, Especialização em Teoria da Comunicação Social pela Cásper Líbero, Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela FIAM, professor do Curso de jornalismo da ESPM-SP e Fotografia – Jornalismo – Publicidade e Propaganda – Rádio e TV e I – Relações Públicas – Filosofia e Áudio Visual da Papcom, Secretário-geral da ARFOC – Associação dos Repórteres Fotográficos e Cinematográficos no Estado de São Paulo, Vice Presidente da Casa arte Cidadania e Vice Presidente da ABEJ – Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo. E-mail: erivam.oliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao olharmos para uma fotografia abrimos inconscientemente um arquivo para nossas memórias visuais, projetando uma janela imagética para o mundo real, onde muitas vezes nos deparamos com imagens vividas ou contemplada durante nossas vidas, em nossos cotidianos.

A realidade sempre foi interpretada por meio das informações fornecidas pelas imagens; e os filósofos, desde Platão, tentaram dirimir nossa dependência das imagens ao evocar o padrão de um modo de apreender o real sem usar imagens. Mas quando, em meados do século XIX, o padrão parecia estar, afinal, o nosso alcance, o recuo das antigas ilusões religiosas e políticas em face da investida do pensamento científico e humanístico não criou – como se previra – deserções em massa em favor do real. Ao contrário, a nova era da descrença reforçou a lealdade às imagens. (SONTAG, 2004, p. 169)

Essas imagens podem ser de uma paisagem de natureza ou urbana, ou mesmo, de cenários corriqueiros, que nos remeta a nossa memória afetiva, onde no primeiro momento, buscamos harmonizar o olhar, associando com algo que identificamos com facilidade, algo que vimos, vivenciamos ou algo que estamos acostumados a olhar no dia-a-dia. Mas quando, olhamos para uma fotografia jornalística, nos deparamos com uma realidade agressiva, que muitas vezes torcemos o nariz, por ser cenas fortes, muitas vezes se aproxima ao real e do nosso cotidiano, duro e cruel, encontrados nas grandes cidades. Isso porque, “uma imagem é, entre outras coisas, uma mensagem: ela tem um emissor e procura por receptor” (FLUSSER, 2017, p. 149), e nem sempre o receptor está disposto a olhar uma imagem que o incomode ou lhe tire da sua zona de conforto.

Sempre que observarmos uma fotografia com atenção, estamos abertos a enxergar seus detalhes, expressões, iluminação, ou o momento decisivo em que o autor registrou e eternizou aquela imagem, transmitindo uma mensagem e isso faz toda a diferença entre o ver, e o olhar.

Ao vermos uma fotografia e o mesmo que passar a vista sobre algo, sem a preocupação com os detalhes, com amenidade. Mas quando olhamos, nos deparamos com infinitas possibilidades e passamos a observar, questionar e interagir, dessa maneira nos posicionamos a respeito do assunto que olhamos, mesmo sem ter vivido aquele momento presencial, passamos a ser críticos, formadores de opiniões.

Esse fato ocorreu recentemente, quando me deparei com a imagem capturada pelo fotojornalista chileno *Jaime Andrés*, feita e acessada em 22 de dezembro de 2017, *link* (encurtado) <https://goo.gl/jmkZHA>, onde observamos uma cena repugnante das forças de repressão policial argentina contra a população indefesa, e passou a ser mais repugnante, quando observamos que a maioria dos reprimidos registrados na imagem, eram de jornalistas, que faziam a cobertura dos protestos.

A imagem me fez questionar, observar, criticar e refletir sobre algo que está se tornando corriqueiro em diversos países do mundo e, principalmente onde a democracia sofre com intemperes de políticos de caracteres duvidosos.

Essa cena me remeteu aos meus tempos de redação e coberturas jornalísticas, me fazendo recordar das dificuldades, dos conflitos e confrontos vividos nas diversas matérias, onde o pensamento ressoante entre todos os profissionais, principalmente dos fotojornalistas e que de certa forma, acabou se tornando um mantra nas principais redações do mundo, onde a busca pelo registro da imagem, por mais polêmica que fosse, teria que ter ética, sem interferência no fato ou no registro da cena, porque “uma fotografia deva falar por si mesma”. (*SUSAN*, 2003, p.14), e os profissionais não devem interferir ou tirar conclusões, apenas registrar com respeito, ética e dignidade. Mas, isso incomoda os governantes, os que acreditam ser os donos da verdade, e também os corruptos.



Foto: Jaime Andrés, acessado em 22 de dezembro de 2017, <https://goo.gl/jmkZHA>

Portanto, a fotografia capturada por *Andrés* (acima) atingiu seu objetivo, o de provocar debates. Pois é uma imagem que incomoda, nos faz refletir e questionar essa prática agressiva e a falta de respeito à população, a liberdade de expressão ao direito constitucional de informar e de ser informado, a arbitrariedade, a opressão imposta, é uma guerra diária contra toda sociedade.

A argumentação contra a guerra não depende de informações sobre quem, quando e onde; o caráter arbitrário do morticínio implacável constitui prova suficiente. Para as pessoas seguras de que o certo está de um lado e a opressão e a injustiça estão do outro, e de que a luta precisa prosseguir, o que importa é exatamente quem é o morto e por quem. (SONTAG, 2003, p. 14)

A selvageria contra a população e grupos minoritários, ou contra os profissionais de imprensa, principalmente em países pobres e em desenvolvimento, como os da América Latina e em outras partes do mundo, tem que acabar. A população tem o direito à informação, o direito a receber uma notícia com imparcialidade, sem manipulação de governos, do poder econômico, das empresas de comunicação, para isso, o jornalista precisa ter o direito de exercer seu trabalho com dignidade e respeito, sem interferências externas. Mas, sabemos que essa é uma luta cotidiana e que grupos que estão no poder ao serem pegos em flagrante em uma denúncia, tentam desqualificar a informação, como se o bandido fosse sempre o jornalista e como se a prática de desqualificar e ameaçar fosse algo comum, normal no dia-a-dia das pessoas. Coibir esses grupos e não se render a métodos fascistas da contrainformação é a maneira mais saudável para construirmos uma sociedade igualitária e fraternal.

A pesquisadora estadunidense *Susan Sontag*, faz um alerta no livro “Diante da dor dos outros” de 2003, sobre as práticas desses governantes autoritários, na tentativa de desacreditar o que está explícito nas imagens.

Em contraste, imagens que apresentam provas que contradizem devoções acalentadas são invariavelmente descartadas como encenações montadas para as câmeras. Ante a ratificação fotográfica das atrocidades cometidas pelo lado a que a pessoa pertence, a reação-padrão consiste em tomar as fotos como algo fabricado, pensar que tal atrocidade jamais ocorreu, que eram cadáveres que pessoas do outro lado trouxeram do necrotério em caminhões e espalharam pela rua, ou que, sim, de fato aconteceu, mas foi o outro lado que o cometeu, contra si mesmo. (SONTAG, 2003, p. 15)

Sontag, exemplifica quais são os métodos desses militantes na tentativa de fazer uma notícia cair no vazio, no esquecimento ou perder a credibilidade, e esse método é praticado em diversas partes do mundo.

Para um judeu israelense, uma foto de uma criança esfaqueada no atentado contra a pizzaria Sbarro no centro de Jerusalém é, antes de tudo, uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino. Para um palestino, uma foto de uma criança esfaqueada pelo tiro de um tanque em Gaza é, antes de tudo, uma foto de uma criança palestina morta pela máquina de guerra israelense. Para o militante, a identidade é tudo. E todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas. (SONTAG, 2003, p. 14)

Se fizermos um levantamento na história recente, encontraremos inúmeros casos de imagens e legendas manipuladas para distorcer a notícia, para encobrir responsabilidades e proteger os poderosos, que se acham acima das leis.

O pesquisador *Joan Fontcuberta* talvez, consiga melhor traduzir esses questionamentos e manipulações quando afirma:

Toda fotografia é uma ficção que se apresenta como verdadeira. Contra o que nos inculcaram, contra o que costumamos pensar, a fotografia mente sempre, mente por instinto, mente porque sua natureza não lhe permite fazer outra coisa”. (FONTCUBERTA, 1997, p.13). – Apud, (OLIVEIRA, 2013, p. 12).

No Brasil, a falta de respeito abrange também diversos setores governamentais, do executivo, legislativo e judiciário, onde muitos, como deuses intocáveis, se julgam acima das leis, protegendo-se uns aos outros como a máfia napolitana de poderosos, renegando a população aos guetos, as migalhas. Isso fica evidente quando o assunto envolve políticos e empresários. Mas, quando o assunto envolve um simples cidadão e principalmente um profissional de imprensa, principalmente os fotojornalistas, fica evidente que o tratamento é outro e existe o desrespeito ético de conduta e profissional por parte dos “nobres” julgadores que passam a exercer as leis com toda a fúria não praticada a seus pares.

Essa falta de critério pode ser claramente percebida na recentemente sentença expedida pelo juiz Olavo Zampol Júnior que, para justificar sua decisão de negar a indenização a Sérgio Silva, fotojornalista atingido por bala de borracha

em manifestação em São Paulo, afirma que o fotojornalista ao se posicionar entre os manifestantes e a polícia para fotografar, se "colocou em situação de risco, assumindo, com isso, as possíveis consequências do que pudesse acontecer". E continua:

"por culpa exclusiva do autor, ao se colocar na linha de confronto entre a polícia e os manifestantes, voluntária e conscientemente assumiu o risco de ser alvejado por alguns dos grupos em confronto (polícia e manifestantes). Não se está a falar de exercício regular de direito ou estrito cumprimento de dever legal na atuação do agente público, mas de culpa exclusiva do autor, pelas condições em que os fatos se deram." (BEDINELLI, 2016, online)

Sérgio Silva acabou tornando um dos símbolos de resistência contra a violência policial na cidade de São Paulo e conseqüentemente em todas as manifestações ocorrida no Brasil desde 2013, após ser considerado culpado pela justiça paulista. Mas, essa decisão era de se esperar, porque a justiça paulista é popularmente conhecida como capacho dos governantes paulista, principalmente dos que governam o estado a mais de 20 anos, por suas posições e decisões de quase militância em apoio ao Governo do Estado de São Paulo. Esse posicionamento partidário, acabou contagiando outras praças e setores da justiça que se estendeu por todo o País, fato que fica evidente desde o golpe planejado e executado por vários setores da sociedade, política, empresarial, e com aval dos meios de comunicação e até de integrantes do judiciário brasileiro, provocando uma grande crise no País e deixando a população indignada e sem perspectivas de melhoras.

Em qualquer justiça do mundo, um trabalhador no exercício de suas funções profissionais, seria indenizado por perder a visão após ser alvejado no olho por um agente do Estado na cobertura jornalística de uma manifestação. Mas, no lugar de justiça recebeu um parecer que o condenou. O mais estapafúrdio é a alegação da defesa do Governo do estado de São Paulo que, ao tentar justificar os fatos, alegou que o profissional não precisa da "visão binocular" (dos dois olhos) para fotografar.

Fotos: Arquivo Pessoal Sérgio Silva



Sérgio Silva protestando contra o uso de bala de borracha pela PM e no hospital

A sentença contra Sérgio Silva não foi a primeira proferida pela justiça partidária paulista contra um profissional do fotojornalismo. A primeira aconteceu contra o repórter fotográfico Alex Silveira na época em que trabalhava para o jornal Agora, do Grupo Folha, e também foi atingido por uma bala de borracha lançada pela Polícia Militar em um ato de servidores da saúde e da educação na avenida Paulista, centro financeiro da capital paulista, onde Silveira perdeu 80% da visão direita.

Na primeira instância, o Governo do Estado de São Paulo havia sido condenado a pagar todos os gastos médicos e de indenizá-lo em 100 (cem) salários mínimos, mas, posteriormente, a 2ª Câmara Extraordinária de Direito Público reverteu a sentença.

O desembargador Vicente de Abreu Amadei afirmou que “as circunstâncias em que os fatos ocorreram não autorizam a indenização” e que o fotógrafo “colocou-se em quadro no qual se pode afirmar ser dele a culpa exclusiva do lamentável episódio do qual foi vítima”. Silveira, ainda acabou sendo condenado a pagar as despesas do processo, fixadas em R\$ 1.200,00 (hum mil e duzentos reais).

Esses dois casos desencadearam uma revolta muito grande entre os profissionais da imagem que promoveram uma campanha em protesto, onde os profissionais cobriram o rosto com um tapa olho, segurando o cartaz com os dizeres “culpado por fotografar”.

Fotos: Arquivo Pessoal Sérgio Silva



Os fotojornalistas, ironicamente, lembram que só falta a justiça emitir sentença culpando o repórter cinematográfico da Rede Bandeirantes Santiago Andrade, morto em 2014 em uma manifestação na cidade do Rio de Janeiro, por sua própria morte.

Em entrevista a EBC – Empresa Brasileira de Comunicação do Governo Federal, Sérgio lamenta o ocorrido com ele, Alex e Santiago.

O pior dessa situação é que isso está virando precedente, o que eles chamam de jurisprudência. O que aconteceu comigo não é uma novidade. Porque já aconteceu com o Alex, então estou sendo a segunda vítima dessa história e vai ter a terceira. Se não lutarmos agora para derrubar isso [a decisão], com o próximo fotógrafo, o próximo jornalista, o próximo cinegrafista, vai acontecer, lamentou. (BOEHM, 2016, Online)

No período crítico das manifestações de 2013, chegou-se até cogitar, que os policiais brasileiros passariam a utilizar câmeras online, onde o sinal seria repassado para uma central de monitoramento, o que facilitaria eventuais questionamentos e apurações de responsabilidades, tanto por parte dos manifestantes, quando dos militares. Mas, esse monitoramento, até o momento não foi implantado.

Portanto, nesse período de radicalização e discursos de ódio contra a minorias, fato que deve se agravar nos próximos meses por causa das eleições, nos resta a recorrer a capacetes, coletes a prova de balas, óculos de proteção para tentar se proteger, já que os jornalistas são expostos e visados pelos dois lados do confronto.

Além, dos acessórios de segurança que os profissionais são obrigados a ter para fazer uma cobertura jornalística, agora devem estar preparados, também, para transmissões online pelas redes sociais, como forma de agilidade e segurança, para que as coberturas jornalísticas possam ter um pouco mais de transparência e segurança contra o abuso policial. Também, contar com mais um mecanismo de distribuição e rapidez na produção em campo, do material, sem a interferência de editores e dos órgãos de repressão, que adoram confiscar e quebrar os equipamentos durante sua truculência.

Portanto, é fundamental se montar uma rede colaborativa de compartilhamento e distribuição de internautas para que as imagens atinjam um universo gigantesco de visualizações, no momento em que está acontecendo. Essa estratégia é primordial para segurança dos profissionais contra as arbitrariedades que possam ser vítimas, expondo a falta de respeito do Estado contra o trabalho jornalístico no Brasil, uma vez que o material capturado estará nas nuvens e salvos em diversos computadores pelo mundo.

O objetivo dessa rede é resgatar a importância do trabalho jornalístico e apresentar alternativas que facilitem a divulgação, monitoramento e a produção transmidiática que possam ser utilizadas nas multiplataformas, com criatividade e credibilidade para difundir a comunicação, resgatando o interesse público e o respeito pelos meios de comunicação independente e colaborativo; para isso precisamos criar cursos nos Sindicatos e Associações representativas dos jornalistas para treinamento gratuito da população, incentivando a divulgação de notícias de interesse público.

O primeiro, interativo, propõe a oferta de conteúdos expansíveis e navegáveis, assim como uma participação – ainda que limitada – na reconstrução narrativa. O segundo, transmídia, tem as mesmas propostas, mas também apresenta a multiplicidade de plataformas de linguagem e uma diversidade de mensagens independentes entre si, mas relacionadas uma com a outra. Nesse aspecto, também entram estruturas narrativas que proporcionam uma melhor circulação da obra por redes sociais. Trata-se de um documentário composto por diversos micro-documentários. (RENÓ, 2013, p.94)

Nesse período sóbrio da política brasileira, onde os jornalistas sofrem grande pressão para que não mostrem os fatos relevantes para a sociedade, devemos nos utilizar dessas mídias sociais e equipamentos discretos, mas que

tem uma qualidade profissional para continuar a mostrar a arapucas da política brasileira e a violência do Estado contra os cidadãos e contra a imprensa.

Avaliar e levar em consideração que esses produtos criados a partir de mídias colaborativas, para plataformas interativas, deverão ocupar um lugar de relevância na mídia nacional, é o primeiro passo para incorporar essas produções em nosso cotidiano. Mas, para isso necessitamos de boa narrativa transmidiática e conhecimentos alternativos capazes de gerar os conteúdos.

Apesar das grandes mudanças na forma em que os conteúdos são extraídos, cada inovação tecnológica deixa mais perceptível que a convergência entre os meios não é possibilitada pela forma “multiuso” de cada aparelho, mas pelo conteúdo disperso e acessível à rotina de cada interator em sua busca pelos diversos conteúdos que o interceptam diariamente. JENKINS (2008, p.1) – KUDEKEN (2014, p.1)

Essa estratégia inibirá os agentes repressores do Estado, pois saberá que a produção colaborativa poderá colocá-lo em evidência negativa, já que os internautas foram treinados para “olhar uma fotografia, vídeo, documentário ou outra forma de comunicação jornalística do ponto de vista do profissional” (OLIVEIRA, SOUZA, BARBOSA, 2017, p. 8), possibilitando a qualidade do conteúdo jornalístico, buscando ângulo, luz, perspectiva e credibilidade na produção.

O fenômeno da introdução da fotografia na imprensa é de importância também capital. Muda a visão das massas. Até então, somente os acontecimentos que ocorriam ao redor, na rua, na cidade podiam ser visualizados pelo homem comum. A fotografia inaugura a comunicação visual da massa quando o retrato individual se vê substituído pelo retrato coletivo. Ao mesmo tempo se converte em um poderoso meio de propaganda e manipulação (FREUND, 1986).

De acordo com BARTHES (1984), uma mensagem é constituída em três partes fundamentais e indispensáveis. São elas: a fonte transmissora, o canal de transmissão e o meio receptor. Segundo o autor, a fonte transmissora seria o profissional ou o veículo de informação. O canal de transmissão é o meio pelo qual o conteúdo chegará ao público, como por exemplo: fotografias, vídeos, jornais, sites e revistas. O meio receptor, é o público. Dessa maneira, podemos adaptar a transmidialidade nos conceitos de convergência midiática.

A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2008: 30)

A busca por uma sociedade igualitária, fraternal e colaborativa é um dos desafios que os movimentos sociais deverão enfrentar e juntamente com esses questionamentos, modificando a forma colaborativa de informar e transmitir informação.

Os colaboradores terão sua forma peculiar de adaptação à fotografia ou vídeo, seja ela artística ou informativa. Mas, de acordo com suas experiências sociais, culturais e pessoais, a leitura de uma imagem desencadeará reações muito mais intensas do que a leitura de um texto convencional.

Exibir toda a sua capacidade de transmitir informações. E essas informações podem ser passadas, com beleza, pelo simples enquadramento que o fotógrafo tem a possibilidade de fazer. E na verdade o que o fotógrafo muitas vezes faz é transformar uma notícia visualmente agradável ou importante num grande acontecimento. Nada acontece hoje nas comunicações impressas sem o endosso da fotografia. (LIMA, 1989, p. 11)

Desde a prensa de Gutenberg e as primeiras impressões e fixação das imagens nos daguerreotipo, a fotografia e o jornalismo atravessaram por diversas crises e desafios para manter sua sobrevivência. Mas, abrir mercado jornalístico na busca de novos leitores, passa pela aceitação e a utilização da tecnologia.

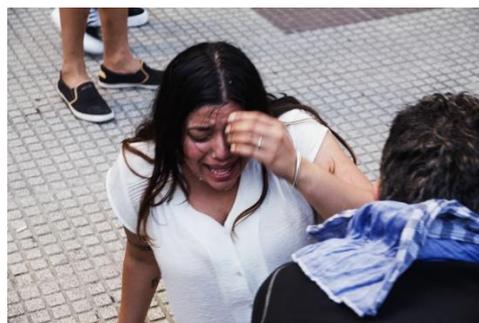
Pós diversas revoluções tecnológicas, entramos em uma nova era onde a convergência midiática, ao transformar o antigo em moderno, alia plataformas e linguagens por meio de aplicativos e programas pré-estabelecidos que promovem a integração da informação em diferentes suportes, rompendo o limite entre espaços concretos e subjetivos da comunicação. (OLIVEIRA, 2012, p. 124)

A divulgação das fotografias feitas na Argentina só foi possível graças a participação colaborativa de profissionais e da população e, esse exemplo, talvez seja forma mais plausível de sobrevivência e transformação de uma sociedade e, conseqüentemente, do jornalismo e do fotojornalismo.

ANEXO:

A sequência de fotos (abaixo) de *Alfonso Sierra*, um dos profissionais que aparece acuado pela polícia na foto do chileno *Jaime Andrés*, fica claro porque a polícia não queria que as imagens fossem divulgadas. Mas, graças ao jornalismo colaborativo, pode-se encontrar as imagens o link a seguir. - https://www.tiempoar.com.ar/articulo/view/73409-la-historia-detras-de-la-foto-que-la-policia-no-queria-que-se-sacara?utm_content=bufferaf6e8&utm_medium=social&utm_source=facebook.com&utm_campaign=buffer Acessado em 22 de dezembro de 2017 e em 31/01/2018





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAFIN, Shameel. **The MediaStorm Field Guide to Powerful Multimedia Storytelling**. USA, 2012.

BAESA, Pepe. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 2001.

BARBOSA, Silvio Henrique V. **TV e Cidadania**. São Paulo, AllPrint Editora, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo, Hucitec; Annablume, 2002.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **A Mensagem fotográfica**. 1984. Disponível em: acervovis.org/pdfsfoto/RBarthes.pdf - acessado em 28/05/2016.

BEDINELLI, Talita. **Para Justiça, fotógrafo é o culpado por perder olho ao cobrir protesto em 2013**. São Paulo, El País versão Brasil, 2016. – Link https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/18/politica/1471471818_316149.html acessado em 31/01/2018.

BOEHM, Camila. **Juiz transformou vítima em culpado, diz fotógrafo que levou tiro da PM no olho**. São Paulo, EBC, 2016. – Link <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-08/juiz-transformou-vitima-em-culpado-diz-fotografo-que-levou-tiro-da-pm-no-olho> Acessado em 31/01/2018.

BRAUNE, Fernando. **O Surrealismo e a estética fotográfica**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

BERNARDET, J.C. **Cineastas e imagens do povo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- BLOCK, Bruce A.. **A Narrativa visual: Criando a estrutura visual para cinema, TV e mídias digitais**. Trad.: Cláudia Mello Belhassof. São Paulo: Elsevier, 2010.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta: Ensaio para uma Filosofia da Fotografia**. Rio de Janeiro, Relume Dumará , 2002.
- FONTCUBERTA, Joan. **El Beso de Judas Fotografia y verdade**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili S.A, 1998.
- FRANCASTEL. Pierre: **A Realidade figurativa**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1993.
- FREUND, Gisèle. **La fotografía como documento social**. Barcelona: G. Gili, 1986.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.
- KUDEKEN, V. S. F. S., **Os Princípios da Narrativa Transmídia nas Produções de Batman**. São Paulo, Revista Anagrama, Ano 8 - Edição 2 – Julho -Dezembro de 2014.
- LIETAERT, Matthieu. **Webdocs: A Survival Guide for Online Filmmakers**. USA, 2012. <http://notsocrazy.eu/book>.
- LIMA, Ivan. **Fot Jornalismo brasileiro: realidade e linguagem**. Rio de Janeiro: Fotografia Brasileira, 1989.
- LINS, C. **O Documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MRAZ, John. **Que tiene la fotografia de documental?**. www.zonezero.com, 2003. Acessado em 12/10/2003.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus. 2013.
- OLIVEIRA, Erivam. **As mídias digitais como suporte comunicacional: O renascimento do fotojornalismo nas ondas tecnológicas**. São Paulo, REBEJ: 2012. Disponível em: <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/220/157> - acessado em 25/05/2016.
- OLIVEIRA, Erivam Morais de. **O resgate da ética no fotojornalismo: a banalização das imagens nos meios de comunicação**. Recife – PE, Artigo apresentado no FNPJ – Fórum Nacional de Professores de Jornalismo, realizado na UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco no 10º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo. Disponível em REBEJ – Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo Ponta Grossa, v.1, n. 6, p. 59-81, dez. 2009/mai. 2010. <http://www.fnpj.org.br/rebej/ojs/index.php/rebej/article/viewFile/154/97>
- OLIVEIRA, Erivam Morais de, SOUZA, Barbara Arruda, BARBOSA, Silvio Henrique. **Vale do rio de lama: no rastro da destruição: uma abordagem transmídia nas multiplataformas de (in)formação**. Goiania-GO, trabalho apresentado na modalidade Comunicação Científica, no Grupo de Trabalho Produção Laboratorial – Eletrônicos, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ. 2016

Beira Interior, <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-erivam-fotografia-analogica-fotografia-digital.pdf>, 2006.

OLIVEIRA, Erivam Morais de, VICENTINI, Ari. **Fotojornalismo – uma viagem entre o analógico e o digital**. São Paulo, Cengage Learning, 2009.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre fotografia**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica da fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

RENÓ, D. P., **Diversidade de modelos narrativos para documentários transmídia**. Beira Interior, Doc On-line, n. 14, agosto de 2013, www.doc.ubi.pt, pp. 93 - 112 - acessado em 27/05/2016.